

Título	Outras Paisagens	Autor	João Silvério
Data	2014	Artista	Lucia Laguna
Publicação	SILVÉRIO, João. <i>Outras Paisagens</i> . Lisboa: Cristina Guerra Contemporary Art, 2014. (Texto de exposição)		

Outras Paisagens

A pintura é o centro da sua produção artística, a que se dedica exclusivamente, empenhando todas as suas energias de uma forma quase compulsiva, e cujo âmbito abrange também a observação e o estudo de pintores clássicos e contemporâneos que lhe despertam particular interesse. Tais autores, contudo, não convocam, no processo de trabalho da artista, uma necessidade de se estabelecerem como referência estilística visível. De certa forma, é como se fossem uma outra parte do seu universo estético e pictórico, no sentido de uma linhagem de pintores que Lúcia Laguna integra e a que dá atenção e conseqüente continuidade.

O título da exposição, “Outras Paisagens”, remete para um campo de possibilidades sobre um género da pintura que, tendo filiação clássica, encontra na obra de Lúcia Laguna uma deriva da categorização canónica em que se inscreve. A artista tem um posicionamento inicialmente intuitivo sobre o modelo, os objetos ou as vistas que toma como ponto de partida para iniciar o seu trabalho sobre a tela. Contudo, o seu processo é mais complexo, no sentido em que as pinturas são iniciadas pelos seus assistentes, que introduzem motivos e imagens pintadas, como uma geografia pré-existente, sobre a qual a pintora vai desenvolver a obra. Ao que é dado a ver, seja através da janela do seu estúdio, no interior do seu *atelier*, ou nas primeiras camadas de tinta que contém representações iniciáticas, a artista reage através de um procedimento analítico, isolando com fita crepe áreas de cor ou elementos estruturais que podem permanecer resguardados até que num determinado momento decida revelar esses acontecimentos pictóricos anteriores, para assim se confrontar com novas relações que ocorrem no interior da tela. Este processo pode repetir-se sempre que a artista necessita de compreender no espaço do suporte os vários estádios da estrutura da composição, que pode, aparentemente, parecer caótica sob o olhar fugaz de uma observação menos atenta por parte do espectador.

O tempo é uma categoria essencial dos seus procedimentos, sob a qual assenta o ato de pintar, porque a sua pintura é um processo cumulativo de sedimentos que uma constante ação arqueológica vai revelando, dissecando, recuperando e sobrepondo. Esta metodologia aleatória, porque não obedece a um programa pré-estabelecido, encontra uma correspondência na escolha dos elementos que representa, em muitos casos fragmentados, e que estão associados à sua experiência do lugar, da cidade que conhece bem (Rio de Janeiro), da sua localização nesta, e de uma consciência política de que essa cidade é um espaço em que se cruzam e acumulam modos de vida muito diferenciados e desnivelados.

Os títulos das pinturas constituem-se em três núcleos, intitulados “Estúdio”, “Jardim” e “Paisagem”, revelando uma tendência serial que organiza a forma como a pintora constrói o seu olhar sobre o espaço que habita. A cidade entra pelo seu *atelier* e este descobre-se como parte da cidade que se transforma todos os dias, revelando distinções arquitetónicas, sociais, vegetais (na explosão da intensidade e cor tropical) ou formais, que se traduzem em diferentes camadas da pintura, a qual não cede ao virtuosismo de representar fielmente o objeto que lhe interessa. No seu modo de fazer, Lúcia Laguna investe a sua atenção na pluralidade dos elementos que circulam à sua volta a uma velocidade voraz e que a composição vai acumulando e simultaneamente selecionando. Estamos perante uma tipologia de pintura que expressa uma pulsão orgânica (e experimental), como um corpo em permanente transformação onde encontramos a diferença em relação ao Outro, que se encontra tão próximo quanto distante na escala informe da grande metrópole.

Estas diferenças são visíveis, quase tácteis, nas imagens que as pinturas contém, pela forma como a tinta é aplicada, entre a textura, o escorrimento, as transparências veladas e as áreas de cor, por vezes muito finas como uma linha estrutural, ou uma folha de uma planta que irrompe sobre a paisagem urbana, transformando as designações de cidade, construção, natureza, jardim, ou o interior do seu estúdio, em relações formais e cromáticas intensas que, aí sim, resguardam o seu olhar sobre a multiplicidade urbana onde todas as formas de convivência humana se cruzam e nos confrontam na maravilha da pintura, que é num mesmo momento esplendor e um contentor de memórias e de reinscrições.